

ENSINO SUPERIOR/RESIDENCIA DE ESTUDANTES

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

Uma forma de vida responsável

Nem pagode, nem estroinice, nem boémia inconsequente. As repúblicas de Coimbra são o afloramento moderno de uma velha tradição do viver em comunidade e só puderam durar até aos nossos dias pela auto-responsabilização que implicam.

Ter encontrar as origens das repúblicas não é tarefa fácil, pois os sinais esmorecem gradualmente ao recuar no tempo, e a literatura até agora publicada escusou-se a formular um juízo com profundidade. Sobre as raízes, bem como sobre o sistema orgânico político-sociocultural das repúblicas no universo académico, está em aberto um imenso campo cujo tratamento carece de investigação séria e desapaixonada.

Se quisermos, contudo, indicar alguns factores que, embora sob pena de falaciosos, poderão contribuir para um futuro estudo, teremos que nos reportar ao ano de 1309, em que um diploma régio emanado de D. Dinis dava conta das condições habitacionais da cidade de Coimbra, resultantes do aumento súbito da população após a criação dos Estudos Gerais.

Coimbra, vindos de toda a parte do País. Mas a experiência comunitária e autogestionária só é visível, ao que se crê, nos finais do século XIX.

Este tipo de situação irá proporcionar também o acesso à Universidade de camadas sociais oriundas dos meios rurais, que embora não tivessem poder económico eram auto-suficientes na agricultura.

Ultrapassada a questão alimentar, o encargo de um estudante ficava reduzido e resumia-se praticamente à repartição da renda da casa pelos vários elementos.

Um parêntesis para referir que comer em casa foi desde sempre uma das características das repúblicas que ainda hoje se mantêm em muitas delas.

Não se pode afirmar com segurança que o vocábulo república, usado para designar certo tipo de casas comunitárias de estudantes, tenha sido adoptado por qualquer relação intrínseca com o movimento que originou a Revolução de 1910. Seria até bastante leviana a observação de que em tais comunidades despertava o es-

pecto de uma posição acentuadamente política.

Imagem de estroina

No livro de B. M. Costa e Silva, *Estudantes de Coimbra*, editado em 1903, pode ler-se que determinados escolares *habitavam uma casa que haviam alugado e que viviam em república, como é costume dizer-se em phrastologia académica, quando se trata de habitação de estudantes.*

Aqui podemos tirar duas

conclusões importantes: a primeira é que o termo já era usado antes da implantação da República; a outra é que, quando o autor utiliza a expressão *viver em república e não numa república*, está a aludir à imagem estandardizada do estudante de Coimbra — através das épocas a atingir os foros do fetichismo —, que se confunde com a arruaça, a boémia e a inevitável dose de marialvismo.

O espírito que presidia nas repúblicas, ou o entendimento que se tinha delas, era precisamente de irreverência, não uma irreverência empenhada em mudar o *statu quo*, mas de pagode e estroinice.

Associar o vocábulo *república* à ideia de uma casa que prima pela ausência de ordem e disciplina (v. *Dicionário de Português*, Porto Editora, 3.ª edição) estava, aliás, em consonância com a propaganda

proferida na altura por sectores mais conservadores do regime monárquico.

Os (centenários)

Como atesta também Carmine Nobre em *Coimbra de Capa e Batina*, as repúblicas eram *incapazes de fazer vibrar a alma da sua Academia e animar os bairros mais sombrios.*

Contudo, é indispensável apontar que este conceito generalizado de rebeldia nos repúblicos chegou até aos nossos dias indefinido, porque deformado. Ainda hoje, mesmo nos meios mais próximos da Academia, persiste uma noção pe-

jorativa sobre as repúblicas, plasmada na ideia de anarquia.

Nada mais falso. Os estudantes que vivem comunitariamente em repúblicas exercitam uma maneira de estar na vida organizada, que se manifesta, por exemplo, na distribuição de tarefas ou na capacidade de tomar decisões em conjunto, depois de discutidas entre todos os elementos.

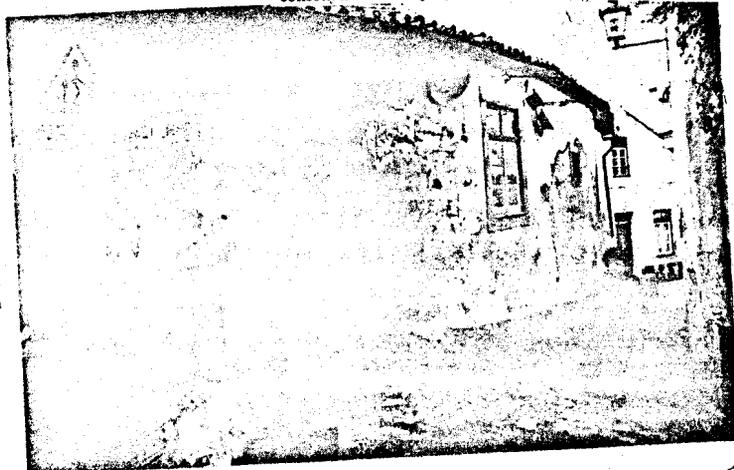
Esta auto-responsabilidade, aliada à liberdade de agir, é traduzida pela gíria ao consig-

nar que um ano de experiência numa república corresponde a um século de vida. Daí que cada aniversário seja comemorado com um centenário.

Mais do que encontros de confraternização, os centenários são a chama viva que forma o elo de ligação entre as várias gerações que passaram pela casa, numa demonstração, afinal, de que o espírito de solidariedade entre os repúblicos, antigos e actuais, não é corruptível pelo tempo.

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31



Nota-Abaixo Os sinais de degradação

Associação Académica - Residências Universitárias

